

Javier Perianes



07 dez 25

07 dez 25 DOMINGO 18:00

GRANDE AUDITÓRIO

Javier Perianes Piano

Domenico Scarlatti

Sonata em Fá menor, K. 466

c. 6 min.

Isaac Albéniz

Evocación (Iberia, Livro I)

c. 6 min.

Domenico Scarlatti

Sonata em Mi bemol maior, K. 193

c. 4 min.

Isaac Albéniz

El Puerto (Iberia, Livro I)

c. 4 min.

Domenico Scarlatti

Sonata em Ré maior, K. 491

c. 5 min.

Isaac Albéniz

El Albaicín (Iberia, Livro III)

c. 7 min.

INTERVALO

Claude Debussy

Prelúdios (Livro I, seleção)

c. 22 min.

- *Danseuses de Delphes*

- *Voiles*

- *La fille aux cheveux de lin*

- *La sérénade interrompue*

- *La cathédrale engloutie*

- *Minstrels*

Manuel de Falla

Suíte de *El amor brujo*

c. 18 min.

- *Pantomima*

- *Danza del terror*

- *Romance del pescador*

- *Danza ritual del fuego*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Domenico Scarlatti

(Nápoles, 1685 – Madrid, 1757)

Sonatas K. 466, K. 193 e K. 491

COMPOSIÇÃO 1749-1756

DURAÇÕES c. 6, 4 e 5 min.

Domenico Scarlatti foi um compositor marcante na transição do Barroco para o Classicismo. Filho de Alessandro Scarlatti, figura maior da música dramática italiana, fixou-se na Península Ibérica a partir do final de 1719. Enquanto mestre da capela real de D. João V e professor de música de vários membros da família do monarca, transformou a música em Portugal. Após um período de viagens, fixou-se em Espanha no final da década de 1720. Então, as suas sonatas, muitas numa forma AB com repetições, foram impressas e amplamente divulgadas.

A primeira secção da Sonata em Fá menor, K. 466, privilegia uma melodia de carácter lírico sobre um acompanhamento regular. A textura a duas vozes com frases periódicas, a ornamentação contida e realizada em momentos-chave, a repetição que enfatiza o discurso e o recurso a uma nota pedal em momentos cadenciais caracterizam a passagem, por vezes surpreendente no percurso harmónico. A secção B mantém a textura da antecedente, mas contrasta em ambiente, atribuindo primazia à mão esquerda. A Sonata em Mi bemol maior, K. 193, começa com um momento tenso e afirmativo, cujo cromatismo enfatiza o seu desenrolar sobre uma textura leve. Um episódio contrapontístico cede lugar a uma textura de monodia acompanhada. A secção B encarna o dramatismo

da época, em que a leveza lírica e a ornamentação contêm ecos dos *castrati* italianos, com acentuações marcadas que enfatizam este episódio de cariz operático. A atmosfera solene e militar domina a primeira parte da Sonata em Ré maior, K. 491. A emulação das trompas e a ornamentação, entrecortadas por pausas dramáticas, criam uma atmosfera dançável, marcada pela verticalidade. A secção B desenvolve elementos do episódio anterior, desembocando numa textura de fandango ibérico estilizado.

Isaac Albéniz

(Camprodón, 1860 – Cambô-les-Bains, 1909)

Iberia: Evocación, El Puerto, El Albaicín

COMPOSIÇÃO 1905-1908

DURAÇÕES c. 6, 4 e 7 min.

Isaac Albéniz é um compositor fundamental na criação musical de Espanha na transição do século XIX para o século XX, incorporando elementos das músicas tradicionais e populares desse país nas suas obras reminiscentes do virtuosismo romântico. O seu conjunto *Iberia*, escrito entre 1905 e 1908, captou a heterogeneidade da identidade musical de Espanha em quatro cadernos. *Evocación* é a primeira obra desse conjunto, cuja passagem inicial sobre uma nota pedal funciona como prelúdio à obra. A nostalgia romântica sobressai numa textura evocativa do noturno, com recurso ao *rubato*, a sugestões modais e à escala de tons inteiros. A sobreposição de planos sonoros, o carácter rapsódico e as harmonias sofisticadas remetem

para o virtuosismo oitocentista. A emulação de texturas de danças como o *fandango-malagueña* e a *jota-copla*, interpoladas por episódios de carácter misterioso, reforçam a cor local desse prelúdio.

Segue-se *El Puerto*, uma evocação do Porto de Santa Maria, em Cádiz. Dele, o jovem Albéniz partiu para uma viagem pelas Américas. Baseado no zapateado, uma dança tradicional andaluz, o seu ritmo regular e enérgico impulsiona uma peça em que a abordagem orquestral ao piano e o uso colorístico do instrumento se destacam. A rusticidade viva e as melodias ondulantes representam o sul de Espanha, uma paisagem exótica na época.

El Albaicín inspira-se no bairro homónimo de Granada, com as suas ruas de arquitetura hispano-árabe. Uma melodia misteriosa em *staccato* prepara o adensamento da textura em acordes de sabor modal. O arrebatamento enérgico e virtuosístico da obra é intercalado numa textura dançável. As melodias evocativas da vocalidade do sul de Espanha e dobradas em oitavas alternam com secções polifónicas num crescendo de intensidade até a textura se dissipar em acordes paralelos, antecipando um final súbito e eletrizante.

Claude Debussy

(Saint-Germain-en-Laye, 1862 – Paris, 1918)

Prelúdios (Livro I, seleção)

—

COMPOSIÇÃO 1909-1910

DURAÇÃO c. 22 min.

A música para piano de Debussy transformou o panorama da época. Nela, destacam-se os dois livros

de prelúdios, escritos num período de maturidade do compositor. O primeiro livro inclui obras escritas entre o final de 1909 e o início de 1910. Publicado em 1910, quando Debussy foi acometido dos primeiros sintomas da doença que o veio a vitimar, é um conjunto variado de ideias e conceitos musicais.

Danseuses de Delphes inspirou-se na coluna grega homónima, que representa três figuras femininas. A partir de uma célula que se mantém quase inalterada, mas catalisa diversos elementos, o prelúdio explora as ressonâncias do piano com uma textura vertical em que os blocos sonoros se movimentam em paralelo e na qual são adicionados e removidos planos sonoros, numa textura elástica que oscila entre o rígido e o fluido. *Voiles* é uma miniatura em que se destaca a escala de tons inteiros, com uma figura descendente em terceiras marcando o início da peça. A adição de um elemento grave, que recorre a um *ostinato* em notas-pedal, confere densidade à textura, na qual os elementos se sucedem e sobrepõem. O pentatonismo, o cromatismo e um ritmo pouco marcado reforçam a atmosfera etérea do prelúdio, dividido em três secções contrastantes, com o final apresentando uma recapitulação condensada dos elementos principais das passagens anteriores.

A poesia parnasiana de Leconte de Lisle inspirou *La fille aux cheveux de lin*, cujo poema homónimo coloca uma rapariga de cabelo dourado num cenário pastoral. As melodias ondulantes e baseadas numa escala pentatónica, o paralelismo harmónico e a exploração da ressonância contribuem para a diluição da direcionalidade tonal nesta miniatura. *La sérénade interrompue* é um momento

de textura esparsa onde pontifica o *pizzicato* e a alternância de mãos no material gerador da peça. A vivacidade rítmica e o modalismo do tema, interrompidos por uma passagem lírica e ambígua, evocam o exotismo associado a Espanha, tão cultivado por Albéniz. *La cathédrale engloutie* remete para uma lenda bretã sobre como uma catedral submersa ao largo da Ilha da Ys chega à superfície nas manhãs claras. Assim, a ressonância e o paralelismo misturam-se com imitações de sinos e fragmentos modais evocativos do cantochão. Construída do registo grave para o agudo é um exemplo da conceção tridimensional da música de Debussy, construindo um espaço em que os elementos ondulantes sobrepostos se aproximam e afastam do ouvinte, emergindo e submergindo no mar da Bretanha. A *blackface minstrelsy* era uma forma de entretenimento muito em voga no início do século XX. Baseada nas convenções dos negros e irlandeses dos Estados Unidos da América, encarnou em diversas formas e circulou por toda a Europa. *Minstrels* procura estilizar elementos dessa tradição, com passagens pentatónicas e abordagens que imitam o banjo, instrumento associado aos *minstrels*. A sincopação percussiva da primeira parte é substituída por uma passagem lírica que remete para o melodismo dos espirituais negros. O regresso do ambiente inicial, intensificado e acelerado, conduz a obra a um final cinético.

Manuel de Falla

(Cádiz, 1876 – Alta Gracia, Argentina, 1946)

Suite de *El Amor brujo* (seleção)

—

COMPOSIÇÃO 1922

DURAÇÃO c. 18 min.

O processo criativo de *El amor brujo* começou em 1914, quando Manuel de Falla escreveu um bailado inspirado na música dos ciganos da Andaluzia que requeria uma *cantaora*. À época, a recuperação da música tradicional numa perspetiva modernista de superação dos modelos herdados foi muito importante. Posteriormente, o compositor fez muitas versões da obra até 1925. Em 1922, de Falla extraiu algumas passagens de *El amor brujo* e arranjou-as para piano solo, numa suite que rapidamente integrou o repertório pianístico. O compositor tinha-se fixado em Granada no ano anterior e organizou o Concurso de Cante Jondo, em colaboração com o escritor Federico García Lorca. Esse evento procurou resgatar a autenticidade do flamenco face à sua apropriação pelo mercado de entretenimento. A *Pantomima* é uma introdução afirmativa que procura captar a atenção do ouvinte, numa espécie de imprecisão flamenca entre oitavas e acordes arpejados. A irregularidade rítmica e a sinuosidade melódica, reforçadas pela repetição, conduzem a um episódio de dança que estiliza a *habanera*, muito em voga na época, sobre a qual flutua uma melodia. A textura cristalina do final prepara

a submersão desta introdução a partir da omnipresença do motivo principal. *A Danza del terror* baseia-se na percussividade e na repetição de notas-chave. Os *ostinati* ornamentados, o *staccato* e os *glissandi* apoiam esta miniatura. O *Romance del pescador* é um episódio plácido e contemplativo cujo lirismo estimula a efabulação. A enganadora simplicidade da peça, cuja secção intermédia aproveita *ostinati* regulares que ressoam, encarna a sofisticação do compositor. A suite termina com a *Danza ritual*

del fuego, um dos momentos mais conhecidos da música erudita. Um *ostinato* grave suporta os trilos ascendentes que antecipam uma melodia modal e ornamentada, inspirada pela vocalidade do *cante jondo*, repetida e reforçada em oitavas. Depois de uma breve cadência e do regresso dos trilos do início, segue-se uma passagem cuja melodia se sobrepõe a um acompanhamento regular e percussivo, conduzindo à intensificação e aceleração finais.

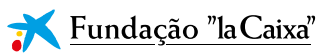
NOTAS DE JOÃO SILVA

Javier Perianes

A carreira internacional do pianista espanhol Javier Perianes permitiu-lhe pisar os palcos mais prestigiados do mundo, ao lado de maestros como Daniel Barenboim, Charles Dutoit, Zubin Mehta, Gustavo Dudamel, Klaus Mäkelä, Gianandrea Noseda, Gustavo Gimeno, Santtu-Matias Rouvali, Simone Young ou Vladimir Jurowski. Na temporada 2025/26, partilha o palco com as Sinfónicas de San Francisco, San Diego, Dallas e Baltimore, bem como a Sinfónica de Bamberg, a Sinfónica do Estado de São Paulo, a Sinfónica de Castela e Leão, a Filarmónica de Monte Carlo e a Sinfónica de Sydney, entre outras orquestras. Regressa à Orquestra de la Comunitat Valenciana e à Orquestra Sinfónica da Galiza para dirigir e interpretar os cinco Concertos para Piano de Beethoven. Javier Perianes apresenta-se com regularidade em recitais a solo em todo o mundo. Na presente temporada, atua em Heidelberg, Lisboa, Ostrava, Barcelona, Alicante, Madrid, Bruxelas, Liège, Künzelsau e na Ópera de Sydney. Participa também em prestigiados festivais como os *BBC Proms*, o Festival de Lucerna, o Festival Argerich, o Salzburg Whitsun,

La Roque d'Anthéron, Grafenegg, Primavera de Praga, Ravello, Stresa, San Sebastián, Santander, Granada, Vail, Blossom, Ravinia e o Festival de Música das Canárias. Músico de câmara natural e entusiasta, colabora regularmente com a violetista Tabea Zimmermann. Ao longo da sua carreira, apresentou-se com outras distintas orquestras como a Filarmónica de Viena, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Chicago, a Sinfónica de Boston, a Sinfónica NHK de Tóquio, a Sinfónica Yomiuri Nippon, a Orquestra Nacional da Dinamarca, bem como as Filarmónicas de Oslo, Londres, Nova Iorque e Los Angeles e a Orquestra de Paris, entre outras. Javier Perianes grava em exclusivo para a Harmonia Mundi. Os mais recentes lançamentos incluem uma seleção de Sonatas de Scarlatti, *Goyescas* de Granados e as Sonatas n.º 2 e n.º 3 de Chopin, intercaladas com as três Mazurcas op. 63. Em 2012, recebeu, das mãos do Ministro da Cultura de Espanha, o Prémio Nacional de Música. Em 2019 foi nomeado “Artista do Ano” nos International Classical Music Awards (ICMA).

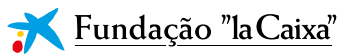
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICAS DO MUNDO



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

